



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

A BURGUESIA TRADICIONAL FEMININA NA SOCIEDADE DE S. VICENTE, CABO-VERDE: AS PONTES QUE ATAM CABO VERDE A PORTUGAL

Saint-Maurice, Ana

Doutoramento em Sociologia,

ISCTE

ana.saintmaurice@iscte.pt

Resumo

Debates, conferências, publicações, cartas contam e recontam a diáspora cabo-verdiana pelo mundo. Nasce-se a pensar que se emigra, morre-se a pensar que se regressa. Porém, há quem fique. Fala-se aqui daqueles que, posicionados no topo da estrutura social, poderiam, em terras estrangeiras, facilmente acumular capital económico e angariar modos de vida a ele ajustados. A pesquisa realizada tem como objectivos obter, através da narração, vivências que preenchem uma vida que cresceu ao longo de tempos históricos diferentes, por sua vez configurados por dimensões políticas, económicas, sociais e culturais específicas. As narrativas acompanham o zoom dos olhares: da macro esfera, em que as histórias se contam tendo por referência os acontecimentos que marcam a História de Cabo Verde durante aproximadamente 80 anos, à micro esfera em que o olhar se escapa pela fechadura da porta das “casas de família”. Estas histórias povoam-se também de estórias que a memória perpetua ainda que, representadas agora num tempo longínquo distorcidas pela subjectividade de quem as produz, mas que nunca tiveram lugar no palco da academia. Porém, a linha temporal e espacial que organiza estas vidas não é contínua: Portugal é um destino obrigatório: i) no percurso académico; ii) nas intervenções na área da saúde iii) na “graciosa” gozada, por direito, na Metrópole; iv) nos laços familiares dos que emigraram. O trabalho é assumidamente exploratório e de cariz etnográfico sem a pretensão de alcançar generalizações de natureza explicativa e sem se deixar sufocar pelas margens apertadas de uma teoria *à priori* estabelecida. Assim, fluirá na medida exacta dos ritmos das histórias contadas.

Abstract

Speeches, conferences, publications, letters tell the Cape Verdean diaspora around the world. However, there are those who stay. We speak here of those who, positioned at the top of the social structure, could, in foreign lands, easily accumulate economic capital raising ways of life adjusted to it.

The research aims to obtain, through the narration, experiences that fill a life that has grown over different historical periods.

The narrative accompanying the zoom of the looks: from the macro sphere, in which the stories are told with reference to the events that mark the History of Cape Verde for approximately 80 years, to the micro sphere, the plan of the private life, the family life. "These histories are also populated by stories that perpetuate the memory though, represented a far distant time, distorted by the subjectivity of those who produce them, but that never took place on the stage of the academy.

Portugal is a top destination: i) in the academic career ii) in the health interventions iii) in the vacations ("graciosa"); iv) in the emigrated family links

The study is admittedly exploratory and ethnographic in nature without the intention of reaching generalizations of an explanatory nature, and without being smothering the tight margins of a theory established *a priori*.

Palavras-chave: Cabo-Verde; Migrações; Portugal; Burguesia Tradicional

Keywords: Cape-Vert; Migrations; Portugal; Traditional Bourgeoisie

PAP0990

I - Introdução

Esta comunicação é um fragmento de uma investigação de âmbito mais alargado cujo objecto empírico, versa sobre a burguesia tradicional feminina na sociedade de S. Vicente, em Cabo Verde. Para que coubesse nas áreas temáticas definidas pelo congresso, foi necessário um trabalho de cirurgia que implantasse Portugal no universo que originalmente nos interessava. E esta não foi tarefa difícil já que Portugal é porto obrigatório nas vidas-viagens das gentes cabo-verdianas. Mesmo daquelas que não emigraram. É sobre estas que vos venho falar: das senhoras de S. Vicente pertencentes às famílias tradicionais, com elevados capitais simbólico, social e cultural que actualmente residem em S. Vicente, ilha do Barlavento cabo-verdiano.

O trabalho é assumidamente exploratório e de cariz etnográfico sem a pretensão de alcançar generalizações de natureza explicativa e sem se deixar sufocar pelas margens apertadas de uma teoria *à priori* estabelecida. Assim, fluirá na medida exacta dos ritmos das histórias contadas, histórias de vida riquíssimas que escapam à construção social que a sociedade portuguesa, *grosso modo*, faz dos cabo-verdianos, assimilando-os a um conjunto de imigrantes com características pré-formatadas.

Assim, quero falar-vos das senhoras que ainda tomam o chá das cinco por influência da presença inglesa em S. Vicente; das filhas dos senhores que jogavam bridge, cricket e golfe; da senhora cuja mãe entrou na igreja, no dia do seu casamento, montada num cavalo branco e tantas outras histórias, umas de encantar, outras de amargar. Para ilustrar este *modus vivendis* de outrora, conta-nos uma entrevistada:

“não é qualquer gin que eu bebo, porque estou habituada ao Gin Gordon. Era uma casa que só tinha marcas boas. Por isso é que nós aqui somos um bocadinho atrevidas. A pasta de dentes Colgate vinha de Inglaterra, o chocolate era inglês, tudo era de marca. O meu enxoval que eu comprei nessa firma era vindo de Suíça e de Inglaterra. Coisinhas lindas. Agora compramos no chinês e do Brasil. Era um nível de vida totalmente diferente da vida de agora.”

Mergulhados que estamos no universo em estudo, importa agora centrarmo-nos nos objectivos desta comunicação necessariamente decepada pelo tempo estreito que a cada um nos cabe: quais as pontes que ligaram e ligam estas vidas a Portugal? Vidas de quem teimosamente não emigrou, decisão ajuizada, entre outras razões, pelo orgulho de ser cabo-verdiano e pelos recursos que tornaram possível a não-partida.

II - Cabo-Verde e Portugal de namoro pegado

Vários têm sido os debates, conferências, publicações, cartas, histórias de vidas geograficamente recortadas, que contam e recontam a diáspora cabo-verdiana pelo mundo. Nasce-se a pensar que se emigra, morre-se a pensar que se regressa. Porém, há quem fique. Fala-se aqui daqueles outros que, posicionados no topo da estrutura social, poderiam, em terras estrangeiras, facilmente acumular capital económico e angariar modos de vida a ele ajustados. Foram estes também que dobraram tempos históricos diversos, configurados por entre ideologias mais ou menos favoráveis, mais ou menos hostis aos valores sociais e individuais de que cada um é portador.

A pesquisa realizada tem, assim, como objectivos obter, através da narração, vivências que preenchem uma vida que cresceu ao longo de tempos históricos diferentes, por sua vez configurados por dimensões políticas, económicas, sociais e culturais específicas.

Com efeito, as narrativas acompanham o zoom dos olhares: da macro esfera, onde as histórias se contam tendo por referência os acontecimentos que marcam a História de Cabo Verde durante aproximadamente 80 anos, à micro esfera em que o olhar se escapa pela fechadura da porta das “casas de família”. Estas histórias povoam-se também de estórias que a memória perpetua ainda que, representadas agora num tempo longínquo e, por isso mesmo, distorcidas pela subjectividade de quem as produz, mas que nunca tiveram lugar no palco da academia.

A linha temporal e espacial que organiza estas vidas não é contínua: Portugal é um destino obrigatório: i) no percurso académico destas gentes – Coimbra deixa-se eleger pelo elevado prestígio que atravessa fronteiras; ii) nas intervenções na área da saúde em situações de maior cuidado; iii) na “graciosa” gozada, por direito na Metrópole (artigo 221.º, do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino); iv) e ainda, nos elos familiares com aqueles que decidiram partir.

2.1 Coimbra é uma lição de sonho e tradição

Comecei a sentir saudades de Coimbra antes de a conhecer (...) Via Coimbra com óculos cor-de-rosa, Coimbra dos fados e guitarradas, Coimbra dos estudantes e tricanas, dos Lentes e dos Actos, dos escritores revolucionários (...). Já tinha saudades antes de lá chegar”. Assim reza o diário de um senhor cabo-verdiano recordando Coimbra onde cursou medicina em 1930 (Morais, 2008, p.79)

Se emigrar é verbo que se conjuga logo à nascença para a generalidade dos cabo-verdianos, seja na primeira pessoa, seja na terceira, obter uma formação superior é, sem margem para dúvidas, o objectivo almejado para os indivíduos provindos das classes sociais mais altas. Recuando no tempo, aos homens estava reservado o sonho de estudar em Portugal. Assim narram as entrevistadas:

“O meu pai nasceu aqui. Fez os seus estudos em Portugal, regressou já formado, frequentava clubes ingleses, alemão, jogava. era muito desportivo (Maria)”

“Minha mãe foi sempre doméstica. Os irmãos dela, os quatro primeiros foram estudar para Portugal. Um que era Eng^a. Agrónomo ficou em Coimbra, outro médico dentista ficou no Algarve. Ficaram lá. (Elvira)

Este último trecho testemunha uma questão de desigualdade de género sobejamente identificada pelos múltiplos estudos de género, sobretudo se tivermos em conta que nos situamos nos finais do século XIX, início do século XX. Todavia, na geração seguinte, ou seja, no tempo da escolarização das entrevistadas essa assimetria surge de modo menos evidente. Conta-nos uma das entrevistadas:

(...) em 1959 fui estudar em Coimbra. Fiz o magistério primário. Dois anos depois, terminado o curso, regressei à terra em 1961. Tinha deixado cá o meu namorado e praticamente fiquei logo noiva” (Elvira)

Durante o trabalho de campo que não passou apenas pela realização de entrevistas biográficas mas também, por conversas informais a um leque bastante mais alargado de indivíduos (homens e mulheres) do mesmo universo social e ainda, pelo acesso a escritos privados e literatura local, tornou-se evidente a aura que Coimbra transporta no imaginário destas pessoas. Estudar em Coimbra é selo de garantia vitalício do enorme prestígio que ali se adquire.

A adaptação nem sempre foi fácil mas no final, o ‘namoro’ valeu a pena:

“Eu tinha 18 anos. Tinha deixado o namorado cá, os pais e os irmãos. Doeu um bocado. Custou muito. Lá era muito diferente. Lá custou-me muito. Mas como estava em casa de família e tinha colegas que também tinham ido de cá, fui-me adaptando e agora eu adoro Coimbra. (Elvira)

“Nós gostámos muito. Francamente se não tivesse sido o namoro que eu deixei cá, irmãos pequeninos e as saudades também.. Então talvez não tivesse vindo, ficava em Coimbra” (Elvira)

O sonho não acabou ali. Perpetuam-se os laços através da memória colectiva, nutrida pelas comemorações festivas que proporcionam reencontros entre todos aqueles que passaram por Coimbra. É o apego afectivo ao grupo que favorece e consolida a memória. Segundo Halbwachs (1990) “esquecer um período da sua vida é perder contacto com aqueles que então nos rodearam. No desapego não há recordação” (Halbwachs, 1990, p.32)

Decorridos mais de 50 anos após o regresso a Cabo Verde, ainda o namoro com Portugal não acabou:

“Agora um sonho que eu tenho é ir assistir à festa de bodas de ouro do meu curso. Terminámos em 61, e agora em 2011 será a festa em Coimbra em 21 de Maio. Costuma haver um encontro, mas eu nunca assisti a nenhum. Já meti os papéis para o visto”.

Na rota sonhada programa-se também o alimento da Fé. Assim, acrescenta a mesma entrevistada:

“Quero ir a Fátima e a Braga também (...) em Junho ía aos EU assistir ao baptizado do meu neto e fazia tudo de seguida” (Elvira)

Assim, revisita-se a diáspora.

2.2 Férias na Metrópole: a licença graciosa

Invariavelmente são-nos referidas as longas estadias na metrópole ao abrigo do estatuto do funcionalismo público ultramarino. Este estabelecia a possibilidade dos funcionários públicos a residir nas colónias gozarem férias por um período máximo de 6 meses, de 4 em 4 anos.

Nesta dimensão a informação satura rapidamente. A convergência é total.

Aproveita-se para visitar a família, para a cirurgia necessária, para o parto da filha em condições mais seguras, para o lazer agora redimensionado à escala continental e ainda, para matar saudades de uma terra que também consideram sua.

À pergunta “Gosta de Portugal ?” a resposta de uma entrevistada não deixa espaço para incertezas quanto a esta relação Cabo Verde/Portugal:

“ Sim é como se fosse minha terra também, Todos os anos, nas férias, eu e meu marido íamos a Portugal. Temos lá um apartamento em Lisboa, no Areeiro. E agora devo ir por causa do casamento da minha neta” (Tereza)

Este é um terreno fertilíssimo para uma reflexão sociológica aturada, sobre a configuração das identidades sociais e nacionais, tarefa hercúlea já que o processo de identificação simbólica com Portugal e Cabo Verde gere-se entre duplicidades e ambiguidades enquistadas. O sentido de Nação em Cabo Verde é muito anterior à sua constituição enquanto Estado independente. Concomitantemente, a filiação a Portugal mesmo daqueles que não partiram continua a ser uma evidência, em particular no espaço social em estudo (Saint-Maurice, 1997)

Como diz Madureira Pinto “é importante não se perder nunca de vista que as identidades sociais se constroem por integração e diferenciação, com e contra, por inclusão e por exclusão, por intermédio de práticas de confirmação e de práticas de distinção classistas e estatutárias e que todo este processo feito de complementaridade, contradições e lutas, não pode senão conduzir, numa lógica de jogo de espelhos, a identidades impuras, sincréticas e ambivalentes” (Pinto, 1991, p.219). Fica a pista de investigação em aberto.

2.3 “Fui à metrópole a uma junta médica”

Portugal foi e tem sido também porto de abrigo quando a doença demanda recursos médicos, clínicos e paramédicos que Cabo-Verde não dispunha, nem dispõe.

Da psicóloga à avaliação de uma junta médica passando pelos mais diversos cuidados de saúde, as entrevistadas e suas famílias deslocam-se a Portugal com recorrência, desde há longos tempos, como pode ler-se nas suas narrativas:

“O meu marido morreu ao fim de 9 anos de casados. Fiquei muito triste. Fui a Portugal a uma psicóloga e ela disse-me que tinha ficado com uma marca muito grande com a perda da menina (filha)” (Maria)

“Em 71 fui à metrópole a uma junta médica. Estava com uns problemas. Quando cheguei lá transformaram aquela licença em graciosa, e passei lá aqueles 6 meses” (Elvira)

2.4 “Só eu é que não saí de S. Vicente”

“Só eu é que não saí de S. Vicente” diz-nos Maria. “Eles (irmãos) vêm cá só nas férias. Em rapariga ia com os meus pais de graciosa, depois em casada, ambos trabalhávamos aqui (Maria)

The last but not the least, esta última ponte é aquela que estrutura de forma sólida a relação Cabo Verde /Portugal. Muito está escrito sobre a emigração cabo-verdiana para os quatro cantos do mundo e para Portugal, em particular. Alargar-me sobre o já dito seria redundante e pouco inovador.

Porém, o modelo de repulsão-atracção, sistematizado por Ravenstein (1885), que explica os mecanismos dos processos migratórios clássicos –de natureza laboral – aqui assume características particulares. Nem os factores de repulsão são de ordem económica nem os de atracção assentam na atractividade do mercado de trabalho. As razões da partida inscrevem-se numa lógica de valorização e qualificação pessoal:

“O meu filho foi estudar para Portugal porque o meu marido estudou em Sto. Tirso, num colégio de padres, e ele acabou por influenciar, porque gostou muito de estar nesse colégio e contava muitas histórias, e o meu filho, influenciado por ele, disse que queria estudar lá. Ele é que quis. Fez a 4ª classe, fez a admissão, e então foi. Não foi uma coisa que nós forçámos, ele é que escolheu. A mim custou-me muito, mas o pai já tinha sido educado lá e tinha só boas recordações (Tereza)

À mesma entrevistada perguntámos sobre o destino da filha ao que respondeu:

“A minha filha casou com um médico Cabo-Verdiano também, que estava a estudar em Portugal. A minha filha também foi para lá estudar e começaram a namorar. Mas vieram casar a Cabo Verde”

Com efeito os motivos prefiguram-se entre quadros de reprodução social que consolidam os capitais culturais e sociais há muito presentes nas famílias tradicionais do Barlavento cabo-verdiano. Falamos de “transmissão efectiva de recursos ou de oportunidades concretas para obtenção de recursos num contexto relacional” (Vasconcelos, 2011, p.35). Nesta medida considera-se o capital social como “um recurso produzido pelo trabalho humano que, quando apropriado e mobilizado, produz resultados re-investíveis (Field 2008, citado por Vasconcelos, 2011, p.35).

Dentro da lógica de uma estratégia de classe, reforça-se o capital simbólico materializado no bom-nome das famílias, que se cruzam entre si, observando-se uma espécie de endogamia muito curiosa. Nas rodas informais da convivência social, rapidamente se chega à inevitável conclusão de que, “todos são primos de todos”. A este propósito, já se tornou tema de conversa, com alguma jocosidade, a dificuldade e morosidade que a construção da genealogia de uma determinada família está a ter, devido às imbricadas ligações que tem com as demais famílias. Pelo menos seis das entrevistadas de famílias diferentes estavam ligadas a esta árvore genealógica e todas elas padeciam da mesma ansiedade em ver o trabalho de pesquisa terminado. Este demora tanto quanto as chuvas a chegarem.

Já fora das quatro áreas que identificámos como sendo as pontes com maior circulação entre Cabo Verde e Portugal, por bisbilhotice intelectual, surge-nos mencionar o relato de uma senhora que no tempo da 2ª

Grande Guerra provia a família residente em Portugal, de modo a mitigar os racionamentos impostos em Portugal.

Pergunta: Como é que viveu aqui a 2ª Guerra. Havia racionamentos como em Portugal?”

“Sim, sofremos um bocado, não tanto como em Portugal. Até que quando eu fui com o meu marido (a Portugal) eu levei muita coisa aos meus parentes: Açúcar, coisas que faltavam lá. Aqui ainda não tínhamos racionamento. Quando íamos lanchar fora, não pedíamos sandes, pedíamos pão, e a manteiga vinha à parte, porque era racionada, e umas tirinhas de fiambre ou queijo, mas tudo à parte”

Gostaria de finalizar esta comunicação com a pergunta: Afinal porque não emigrou para Portugal?

“Vou muitas vezes, mas viver não! O meu marido nunca quis sair. Ele adorava a terra. Uma ocasião até foi colocado em Moçambique, não foi. E eu também nunca quis sair. Se ele tivesse saído teria ganho muito dinheiro. Mas não era ambicioso, nunca quis sair da sua terra. E eu também não.”

Bibliografia:

Connerton, Paul, 1998 *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras: Celta Editora

Halbwachs, M., 1990 *A Memória Colectiva*, São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais

Morais, J., 2008 *Memórias e outros textos*, Mindelo, Edição do autor

Pinto, Madureira, 1991 “Considerações sobre a produção social da Identidade”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Junho de 1991

Saint-Maurice, 1997 *Identidades Reconstruídas - cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras: Celta Editora

Vasconcelos, P., 2002 “Redes de apoio familiar e desigualdade social: estratégias de classe”, *Análise Social*, vol. XXXVII (163), 2002, 507-544

Vasconcelos, Pedro., 2011 *Capital Social, Solidariedade Familiar e Desigualdade Social no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, dissertação de doutoramento, ISCTE-IUL, Departamento de Sociologia, pp.328, Fevereiro de 2011